

**SABIO PINILLA, JOSÉ ANTONIO; FERNÁNDEZ SÁNCHEZ,  
MARÍA MANUELA (1998),  
*O Discurso sobre a Tradução em Portugal: o proveito,  
o ensino e a crítica: antologia (C. 1429-1818)*, Lisboa: Colibri**

CARLOS CASTILHO PAIS

Antes de iniciar a recensão propriamente dita, um breve comentário sobre aquilo que o leitor já constatou: trata-se de um título em português de autores espanhóis. Desculpar-me-á também o leitor se, por acaso, achar que o autor desta recensão deveria observar maior distanciamento ao descrever o contexto português.

Esta obra é fruto do trabalho de pesquisa de dois investigadores espanhóis sobre a tradução em Portugal. Hoje, a Espanha pode orgulhar-se de possuir investigadores em praticamente todos os campos dos Estudos de Tradução. Defendi e defendo que a disciplina ganhará muito não só com o cruzamento entre pesquisas efectuadas no quadro das várias línguas peninsulares, mas também com o intercâmbio de investigadores. Acalento a ideia de que um dia se possa falar da história da tradução peninsular, referindo por aí a visão de conjunto por todos nós arquitectada sobre a tradução efectuada ao longo da História na Península Ibérica. Felizmente, a Espanha conta com alguns investigadores que se interessam pela tradução portuguesa. Tenho lamentado que nas várias antologias de textos histórico-teóricos, de que a Espanha é pródiga, o nome português seja tão raro ou inexistente. É, pois, do maior interesse que se saiba que esta obra existe. Embora não tendo sido escrita em castelhano, esta obra, mesmo no quadro espanhol, vem colmatar uma lacuna. Deve colocar-se ao lado das antologias existentes e dela partirão, seguramente, alguns dos textos que figurarão numa futura e hipotética antologia peninsular.

A obra foi publicada em Portugal. Digo: ainda bem. Porque vem enriquecer a nossa escassíssima bibliografia sobre a tradução. Mas sobretudo por duas razões maiores: primeiro, porque vem revelar, neste campo, aos próprios

portugueses muitos dos nomes do seu património histórico-cultural, hoje praticamente ignorados; segundo, porque, partindo dessa revelação e do facto em si, pode vir a despertar o interesse, de um modo geral, pelas coisas da tradução, e, de um modo particular, pelas da investigação histórica sobre a tradução. E bem necessitados nos encontramos. Ainda com raríssimas Licenciaturas no Ensino Superior, com raríssimos investigadores, alguns deles ainda em período de formação em Espanha, tudo corre demasiado lento em Portugal em comparação com o que se passa em Espanha. Ao contrário, o nosso campo editorial é dos que se apresenta com mais traduções, o que quer dizer que os nossos tradutores traduzem e muitos deles até nos orgulham com os seus trabalhos reflexivos sobre a tradução.

Fruto de uma pesquisa sobre a tradução portuguesa desde o início da Língua Portuguesa até aos princípios do século XIX, os autores apresentam, por um lado, um conjunto de textos escritos por tradutores (antologia) e, por outro, um conjunto de reflexões, que enquadram histórica e culturalmente esses mesmos textos. Com razão apelidaram a todo o conjunto de DISCURSO SOBRE A TRADUÇÃO EM PORTUGAL. A obra conjuga a apresentação das fontes encontradas com o estudo sobre as mesmas fontes. Daí resulta que se oferece ao leitor não só uma ideia sobre o DISCURSO, mas também a possibilidade de ele próprio forjar nova ideia e de a confrontar com a que está expressa. (Para que não restassem dúvidas, os autores vão ao ponto de convidar "o leitor a fazer este percurso pela história portuguesa da tradução e a tirar as suas próprias conclusões", p. 20). Além disto, este DISCURSO, quase exclusivo de tradutores, pode ainda servir para a elaboração do repertório sobre as traduções realizadas durante a época considerada, confrontando-o, como não poderá deixar de ser, com o trabalho bibliográfico realizado e publicado por Gonçalves Rodrigues.

Os textos antologados são apresentados segundo a ordem cronológica da sua publicação ou elaboração dentro dos grupos temáticos em que figuram: **textos preliminares, textos normativos e textos críticos**. Dentro de cada grupo temático pode, por conseguinte, ler-se um percurso histórico do discurso sobre a tradução, mais visível nos textos preliminares, por ser aquele que agrupa a maioria dos textos apresentados, trinta e quatro num total de quarenta e quatro textos. Nos outros dois agrupam-se dez textos, sete dentro dos textos normativos e três dentro dos textos críticos. Constata-se que os textos deste último grupo datam dos séculos XVII e XVIII, com excepção do texto de Sebastião José Guedes e Albuquerque, único texto que faz entrar a antologia no século XIX e que é uma tradução do francês. Quanto aos textos normativos, existem em todos os séculos, e, assim como os do grupo anterior, os seus autores não se distinguiram pela actividade tradutora. É sobre os textos do primeiro grupo, oriundos de tradutores, que iremos demorar-nos um pouco mais.

Abre a antologia um extracto do prefácio do *Livro do Solilóquio de Sancto Agostinho*, de tradutor anónimo do século XV, monge do Mosteiro de Alcobaça, a fazer lembrar o papel desempenhado pelos mosteiros portugueses durante a Idade Média, nomeadamente o de Santa Cruz de Coimbra e o de Alcobaça, na cultura portuguesa. Logo aí se encontra expresso aquilo que será uma constante dos primeiros séculos da tradução portuguesa: apesar do português ser ainda uma língua em construção, traduz-se porque o latim já não se entende, tornando assim acessível o conjunto das obras 'santas' e 'virtuosas'.

Ainda durante o século XV, o percurso histórico ficaria incompleto se, a par da actividade dos *scriptoria* dos mosteiros, não fosse lembrada a actividade da Corte de Avis. Ela não foi esquecida, figurando na antologia alguns dos seus mais altos representantes, desde o rei D. Duarte ao Infante D. Pedro, embora o primeiro tenha sido remetido, com justa razão, para o grupo dos textos normativos. Os autores não deixam de assinalar o intercâmbio entre a Corte de Avis e os mosteiros, bem como a especificidade do trabalho da Corte. A tradução dos clássicos é, sem dúvida, um dos seus maiores traços distintivos, obedecendo, de resto, a uma visão que lhes é própria, a que os autores apelidam de "exposição didáctica", onde tanto as traduções como as não-traduções são obras 'virtuosas'.

O percurso da tradução é também o percurso da língua. O século XVI português é rico pelas reflexões sobre a língua, pelo surgir da cultura humanista e pelas transformações técnicas, para não falar do impacte que as descobertas marítimas originaram em todos os domínios. O século XVI português é o século da *tradução oral* – vasto campo de pesquisa que nunca esteve no âmbito das investigações dos autores. Registe-se o lugar de destaque que os autores atribuem a Valentim Fernandes, impressor, tradutor e intérprete de D. João II. A *Vita Christi*, uma das primeiras obras da imprensa portuguesa, embora a sua tradução tenha sido realizada muito antes da instauração da imprensa em Portugal, não foi esquecida. É através do prefácio do impressor, Valentim Fernandes, que ficamos a saber que, no início do século, existe já uma língua moderna, diferente do "falar antigo", no qual se encontrava escrita a tradução, caracterizado pelas suas palavras mais parecerem "galegas que portuguesas".

Muito mais haveria a dizer, mas uma recensão é necessariamente curta. Apenas um breve apontamento sobre os séculos XVII e XVIII, para dizer que considero serem dos mais pobres de toda a história da tradução portuguesa, e mais o século XVII do que o século XVIII. Mesmo assim, devo alertar o leitor para a profundidade dos textos de Custódio José de Oliveira e do padre António Pereira de Figueiredo, o tradutor da Vulgata para português, dignos de poderem figurar em qualquer antologia de textos peninsulares sobre a tradução.

Não devo terminar sem referir quanto a cultura portuguesa fica em débito para com os autores desta obra. A nós de a divulgar e de lhe seguir os passos.